



UMA TEOLOGIA PARA UM MUNDO DE DIVERSIDADE CULTURAL

A THEOLOGY FOR A WORLD OF CULTURAL DIVERSITY

Fabício Veliq Barbosa¹

RESUMO

Esse artigo pretende mostrar a necessidade de uma nova forma de se fazer teologia que vá de encontro às diversas pluralidades existentes no mundo contemporâneo, dentre elas, a diversidade cultural. Para isso, abordamos a chamada teologia hermenêutica, iniciada por Claude Geffré e desenvolvida por diversos teólogos e filósofos na atualidade, tais como Jean Grondin, Jean Greisch e Werner Jearond. Mostramos como essa nova forma de fazer teologia ao mesmo tempo em que recria a si mesma traz também um recriar do próprio mundo, o que pode contribuir para um fazer teológico comprometido com a realidade no qual está inserido, bem como propor novas formas de se aproximar das diversas culturas populares que surgem na atualidade. Propomos que somente uma teologia que esteja disposta a ouvir as demandas atuais, que nascem nos diversos ambientes da sociedade, dentre eles, a cultura, é possível se tornar uma voz a ser ouvida e que faça sentido para homens e mulheres de nosso tempo.

Palavras-chave: Cultura; Diversidade; Teologia Hermenêutica.

ABSTRACT

This article aims to show the necessity of a new way to do theology, which deal with the pluralities that are present in our contemporary world. Among these diversities, there is the cultural diversity. To do so, I have considered the hermeneutical theology, as developed by Claude Geffré and another theologians and philosophers, such as Jean Grondin, Jean Greisch and Werner Jeanrond. I have shown how this new form of theology re-create itself and at the same time re-create the world, which can be a contribution on how to do theology in a way that it is connected with the reality in which it inhabit. Also it can provide new ways to approach the

¹ Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE. Doctor in Theology pela Katholieke Universiteit Leuven. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1128485670305945>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0073-3098>. E-mail: fveliq@gmail.com.



diversity of popular cultures that raise in nowadays societies. I have proposed that only a theology, that is at disposal to listening to the actual demands that raise in the diverse environments of society can become a voice to be heard and a voice that makes sense to men and women of our time.

Keywords: Culture; Diversity; Hermeneutical theology

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo plural em todos os seus aspectos, social, político, econômico e cultural. Nesse cenário, todo e qualquer conhecimento que pretende ser uma voz a ser ouvida tem a necessidade de dizer esse conhecimento de maneira a ser compreendido por quem o ouve. Com a teologia não é diferente.

Durante muito na história do Cristianismo essa estreita relação foi deixada de lado, uma vez que se acreditava que a verdade revelada de Deus tinha uma forma pronta e definida, e por isso, todas as culturas do mundo deveriam, necessariamente, se adequar a essa forma para garantir sua participação no plano divino.

Ainda hoje vemos resquícios desse tipo de postura nas diversas campanhas de evangelização, em que um padrão cultural é levado e, ao mesmo tempo, demanda-se que aqueles/as que escutam essa mensagem se convertam ao modo de viver que a pessoa que evangeliza vive. Esse tipo de postura, por sua vez, na maioria dos casos, é a responsável pela destruição de culturas milenares e sabedorias populares, visto relegarem-nas a termos como fantasias, enganos, falta de conhecimento da verdade, dentre tantos outros que poderíamos citar.

Com isso em mente, esse artigo tem o intuito de pensar uma teologia hermenêutica que possa servir de base para o diálogo com as diversas diversidades existentes no mundo contemporâneo, dentre elas, a diversidade cultural.

2 UMA TEOLOGIA HERMENÊUTICA

Antes, de iniciarmos nossa exposição, uma distinção se faz muito importante, a saber, a diferenciação entre teologia hermenêutica e hermenêutica teológica. Dependendo do caminho por onde se trilha, podemos chegar a resultados bem diferentes. Tal como



um avião que decola a 1 grau de inclinação diferente de sua rota, o que resulta, depois de uma hora de voo, estar a uma distância totalmente diferente da que se pretendia ir, assim ocorre com esses dois termos.

A princípio, parece somente uma inversão simples, uma brincadeira de trocar sujeito por adjetivo, contudo veremos porque não é assim tão trivial (cf. GEFFRÉ, 2004, p.16).

Ao dizermos hermenêutica teológica estamos pressupondo que todo texto tem em si algo de teológico, mesmo que seja implícito, bastando somente a nós procurarmos com atenção para encontrá-lo. Ao dizermos teologia hermenêutica pressupomos toda a historicidade e toda a tradição tanto do texto quanto de seus intérpretes.

Nesse trabalho optamos trabalhar a partir de uma teologia hermenêutica por pensarmos que a historicidade e a linguagem devem ser levadas em conta para o fazer teológico em nossos dias. Acreditamos, como Geffré, que “uma teologia de orientação hermenêutica não é uma corrente teológica entre outras, mas o próprio destino da razão teológica no contexto do pensável contemporâneo” (GEFFRÉ, 2004, p.23).

As causas para essa mudança que alcança a teologia, tais como a mudança de uma razão especulativa, de cunho meramente ontológico para um compreender histórico, e a passagem de um positivismo da ciência para uma compreensão do humano como processo, são perceptíveis pelo que vimos na primeira parte desse capítulo.

O movimento da Reforma foi imprescindível para essa mudança no método interpretativo. Passa-se de um modelo dogmático, em que as Escrituras eram utilizadas para provar determinado ensinamento da Igreja para um modelo hermenêutico textual.

Acontece aquilo que chamamos de uma virada hermenêutica da teologia, para usarmos a famosa expressão de Claude Geffré. A questão ontológica do conceito de verdade é totalmente remanejada, uma vez que novos paradigmas a respeito da interpretação do texto foram criados. Entramos, naquilo que Jean Greisch chama de “idade hermenêutica da razão”, que acontece quando a “filosofia descobre a



proximidade de certas formas de dizer e pensar a si mesma” (GREISCH, 1985, p.179; PELLETIER, 2006, p. 165).

Essa idade, como bem pontua Pelletier, é herdeira da filosofia kantiana, aliada à historicidade proposta por Dilthey e o perspectivismo Nietzscheano de “que não há fatos, somente interpretações” (NIETZSCHE, F. FP 12: 7[60].), bem como da fenomenologia heideggeriana que lança as bases para se pensar que interpretar é um modo de ser do *Dasein*. Com Heidegger:

somos convidados a nos desfazer da ideia de um texto que traria em si, como propriedade intrínseca, um só e único sentido, objetivo e estável, ligado à intenção do autor, que o leitor devesse apenas recolher, como alguém que se debruça para apanhar um objeto; seria uma referência normativa para avaliar as interpretações dadas. O tempo da hermenêutica é o tempo de um sentido plural, pluralizado, pluralizável (PELLETIER, 2006, p.168).

Com relação à ideia do perspectivismo nietzscheano de que “tudo é interpretação”, Jean Grondin aponta 4 dificuldades para se pensar uma hermenêutica sob essa ótica (cf. GRONDIN, 2012, p. 141-144): a) a dificuldade em lidar com a realidade dos fatos e erros que existem, independentes de uma interpretação, como por exemplo, afirmar que Brasília, e não Belo Horizonte, é a capital do Brasil; b) se entendido em sua perspectiva epistemológica, no sentido de que todo conhecimento é fruto de um paradigma (Kuhn) de interpretação, em cada surgimento de um novo paradigma, a verdade que decorre dele também mudaria; c) se entendido no sentido histórico, trataria a verdade como uma “perspectiva útil”, de maneira que não exista uma verdade que não seja conceitual; d) por último, se entendido de maneira ideológica, quer dizer que toda verdade seria guiada por interesses mais ou menos declarados. Nesse caso, a suspeita que surge com os conhecidos “mestres da suspeita” como Freud, Marx e Nietzsche dá origem a uma hermenêutica com grande pretensão de verdade, mas que permanece somente no campo ideal: “ela não apenas se mantém como o apanágio do teórico (ele mesmo iniciado na verdade última dos fenômenos), como seu ‘objeto’ não será capaz de conhecê-la plenamente, exceto quando for libertado da ideologia que atualmente deforma sua consciência” (GRONDIN, 2012, p.143-144).



Grondin, ao pensar a hermenêutica, tenta abordá-la por meio do sentido que nós nos esforçamos para entender. Esse sentido, em seu pensamento é o sentido das próprias coisas e “ultrapassa nossas pobres interpretações e o horizonte limitado, mas, graças a Deus, sempre ampliável de nossa linguagem” (GRONDIN, 2012, p.146-147).

Ao partirmos de uma teologia hermenêutica, precisamos ter a consciência que ela se insere dentro de determinada tradição, na esteira de Gadamer. Só é possível compreender determinado texto se formos inseridos dentro da tradição daquele texto. Assim, discernir esses elementos fundamentais da experiência cristã e dissociá-los das linguagens nas quais foram traduzidas é uma das tarefas da hermenêutica (GEFFRE, 2004, p.37). Ou seja, fazer a dissociação entre significante do texto e mensagem transmitida.

Dessa forma, ao falar sobre o Novo Testamento e identificar ali os diversos significantes existentes, tais como o helenismo, semitismo, dentre outros, é necessária a pergunta a respeito daquilo que tem a ver com o contexto histórico e cultural e aquilo que tem a ver com a mensagem.

3 UM TEOLOGIA CRIATIVA

O desafio que se coloca para a teologia hermenêutica é, então, o de dizer a Palavra de Deus hoje, de forma criativa e de maneira que faça sentido à sociedade de nossos dias. Se a teologia é histórica, faz parte da existência do homem e se diz em linguagem humana, é necessário que aconteça e fale dentro de seu tempo e nunca fora dele.

Contudo, para que se faça teologia de forma criativa é necessária a ruptura com algumas formas engessadas. A primeira dela é partir do princípio de que há algo dentro do texto que precisa ser desvendado, a ideia de que há um sentido por trás do texto que deve ser achado.

Não há um sentido por trás do texto, antes esse sentido é dado diante da fusão de horizontes da qual falamos anteriormente. Ou seja, como diz Geffré, é em um adiante que dá o sentido. O texto somente pode me dizer algo hoje com o horizonte de



compreensão que tenho diante de mim hoje. E é nesse ponto que se dá a fusão do horizonte do texto com o horizonte de compreensão daquele que o lê.

Fazer teologia de maneira hermenêutica pressupõe a suspeita crítica diante de nossas pré-compreensões e pressupostos da construção e interpretação do texto. Isso não quer dizer abrir mão de processos úteis e já conhecidos para interpretação, mas usá-los em interação viva com a situação em que estamos, trazendo o prolongamento da “coisa do texto” (Ricoeur), para nossa situação presente.

Com isso, a distinção feita por Dilthey entre explicar e compreender não faz mais sentido, uma vez que explicar já é compreender quando adotamos essa forma de fazer teologia.

Parece-nos claro que toda pretensão de verdade e absolutização teológica tem aqui seu fim e não encontra mais espaço nessa forma de fazer teologia. A crítica às ideologias tem aqui papel fundamental. Toda tentativa de um sistema com verdades absolutas tem uma forte crítica em seu enalço. Com isso, precisamos admitir que a teologia não pode ter a pretensão de ser a sistematização perfeita da mensagem cristã, antes, é uma das diversas perspectivas possíveis de abordagem dessa mensagem.

Teria algum sentido falar de uma verdade absoluta no mundo de hoje? Nenhum de nós conseguimos ver um dado como todo. Sempre vemos em perspectiva, independente daquilo que seja. A forma como vemos certo objeto determina a forma que falaremos sobre ele.

Para exemplificar, imaginem-se duas pessoas sentadas, uma diante da outra, com uma mesa entre elas. Temos, em outra mesa uma garrafa de café que possui de um lado o desenho de uma pomba em um fundo verde e do outro lado uma flor branca em um fundo lilás. As duas pessoas sentadas à mesa desconhecem a garrafa. Passados cerca de 30 minutos, coloca-se a garrafa térmica de café no centro da mesa e pede para que cada um, sentado na forma que está, descreva determinada garrafa. O que está sentado do lado que dê visão à pomba em fundo verde conseguirá descrever uma imagem diferente da que está vendo? Da mesma forma, o que está com o lado com o fundo lilás, conseguirá descrever uma pomba? Cada um descreverá



aquilo que vê e terá determinada visão daquilo que é a garrafa em cima da mesa. Somente se terá como verdadeira a fala do outro se se tomar o lugar desse outro para ver a garrafa na perspectiva dele.

Se tomarmos a garrafa como sendo a verdade, perceberemos que, assim como a garrafa, só podemos ver a verdade em perspectiva e, assim, toda pretensão de verdade absoluta se mostra como falsa de saída.

Porém, implicaria então, que fazer teologia de caráter hermenêutico tem a ver com relativização de toda verdade? Se cada um vê a verdade em perspectiva, por que então não falar em relativismo e esconder atrás de certa máscara chamada teologia hermenêutica?

Perspectivas da verdade não quer dizer relativização da verdade, antes consciência do mistério de Deus, que é muito além da compreensão humana e faz com que toda tentativa interpretativa seja meramente assintótica (GEFFRE, 2004, p.38).

O que está implícito em uma teologia de caráter hermenêutico é a questão da linguagem enquanto dizer do mundo, na linha do segundo Heidegger e do segundo Ricoeur. Se a linguagem é dizer o mundo, então a tarefa de toda teologia é escutar aquilo que nos é dito pelo mundo.

Sem isso é impossível fazer teologia hermenêutica. Cairíamos novamente na diferenciação entre texto e significado, entre teologia positiva e especulativa, exegese e hermenêutica.

3.1 Criatividade que mantém sua identidade

A teologia hermenêutica tem um ponto de partida. Esse ponto é a pessoa de Jesus, o evento fundador da mensagem cristã. A experiência histórica da pessoa de Jesus por parte dos discípulos foi imprescindível para o anúncio da mensagem cristã.

Aqui reside um ponto importantíssimo que precisa ficar claro: os discípulos que anunciavam o faziam falando, e posteriormente, escrevendo aquilo que viram e ouviram (I Jo, 1). Seu relato já é uma interpretação acerca de Jesus. Todo aquele que fala, em seu falar já se interpreta e interpreta o fato. Da tradição oral para a tradição



escrita essa mudança também acontece. Ao falarem e escreverem o testemunho acerca do Cristo e da experiência histórica que fizeram do ressuscitado cada um interpreta esse evento e o atualiza em sua própria linguagem e cultura.

A questão da teologia hermenêutica é, então, segundo Geffré,

saber quais são os textos que hoje me permitem fazer uma experiência de Jesus Cristo como evento de salvação da parte de Deus, a partir de minha própria linguagem, a partir de meus próprios esquemas de pensamento, de tal modo que este evento seja sempre atual. Portanto, a experiência, por inefável que seja, seja ela a experiência religiosa, ou a experiência do amor, ou ainda a experiência estética, é sempre estruturada segundo certos modelos prévios, modelos teóricos, e também modelos linguísticos engendrados pela série de experiências que precederam esta nova experiência. Por isso, por exemplo, a experiência de Jesus Cristo como salvação da parte de Deus não pode ser recebida a não ser com base numa certa experiência do que é o Messias, do que é a salvação, do que é a expectativa messiânica, do que é a verdade da relação religiosa do ser humano com Deus (GEFFRE, 2004, p.41).

Isso, sem dúvida, implica em diálogo entre leitor e texto, leitor que pergunta ao texto e é indagado por ele de maneira que alcance a verdade da qual o texto é possuidor. Interessante é perceber aqui a própria questão existencial implicada, de maneira que o texto traz algo para minha existência, me diz algo hoje, para minha realidade atual.

Nesse sentido que a tradição cristã é aperfeiçoada. No redizer, na reinterpretação do evento Jesus Cristo é que se dá a transmissão da fé de maneira que faça sentido para o ser humano de hoje.

Ora se é necessidade da própria fé reinterpretar-se a fim de que alcance a situação histórica e existencial do humano de nossos dias, é tarefa também da teologia, enquanto dizer a partir da fé reinterpretar-se.

Como consequência desse modo de fazer teologia, percebemos, na linha de Ricoeur, que o mundo do texto é essencial para a compreensão do texto, no sentido de eliminar todo ideal romântico de conhecer o sentido do texto que o autor gostaria de dar, trazendo uma ideia deturpada do que seria revelação divina, bem como perceber, dentro da história do mundo, que a Bíblia é um escrito de testemunho da libertação de Deus em relação ao seu povo (GEFFRE, 2004, p.44-48).

Mas o que garantiria essa continuidade entre a experiência de fé dos primeiros discípulos e nós hoje? Com relação a essa pergunta, concordamos com Geffré quando esse diz que

Se temos uma alguma chance de poder dar uma justa interpretação dos textos que traduzem a experiência cristã, é que o mesmo Espírito que atua no escrever a experiência, também atua hoje na interpretação dos textos que traduzem essa experiência (GEFFRE, 2004, p.49).

Claude Geffré nos dá uma boa síntese do que vem a ser os traços mais característicos de uma teologia hermenêutica (cf. GEFRE, 2004, p.68-70). Em primeiro lugar, a teologia hermenêutica não é um conjunto de proposições a respeito da fé de maneira imutável, mas parte da grande pluralidade que o evento Jesus Cristo produziu nas primeiras comunidades. Como vimos, toda escritura é também interpretação da experiência feita pelos primeiros discípulos. Essa interpretação foi reinterpretada na forma de texto, que seguiu sendo reinterpretada ao longo da história do cristianismo. Pela fé, cremos que o mesmo Espírito que falou no início continua a falar e a reinterpretar a experiência fundamental para os dias de hoje. Assim, fazer teologia de maneira hermenêutica tem a ver com esse novo ato de interpretação do evento Cristo, de maneira crítica, na tentativa de correlacionar a experiência cristã fundamental e a experiência do ser humano de nosso tempo.

Em segundo lugar, teologia hermenêutica tem a ver com o compreender histórico, sempre projetando criativamente frente a um futuro. Nesse sentido, é memória e profecia. Memória devido ao evento fundador, profecia por sempre se projetar em frente, com novas roupagens, produzindo um texto e figuras novas, ou seja, uma “fidelidade criativa” para usarmos o termo de Geffré.

Em terceiro lugar, uma teologia de caráter hermenêutico não se preocupa em expor e explicar os dogmas da fé, mas seu interesse está em trazer significação da palavra de Deus para nossos dias, para homens e mulheres de nosso tempo. A diferença entre teologia positiva e teologia especulativa não faz sentido em uma teologia hermenêutica. Em seu texto novo, a partir dos objetos textuais, tenta trazer o sentido do texto para hoje.



A ligação entre Escritura e Tradição não se encerra. Pelo contrário, ela é alimentada pela teologia hermenêutica, que constrói sobre essas duas bases, sendo a Escritura a autoridade última em relação a toda Tradição. Aqui, percebemos o quanto de influência protestante existe dentro de uma teologia hermenêutica.

Essa nova forma de fazer teologia, de compreender o texto e de compreender-se diante do texto deve, contudo, gerar em nós uma ação prática diante do mundo. Se reconhecemos, a partir de uma teologia hermenêutica, que o texto tem algo a dizer para o mundo de hoje através de uma nova interpretação por parte do teólogo, esse re-criar o texto implica também em re-criar um mundo novo, ou seja, toda teologia hermenêutica pressupõe uma prática política e social (cf. GEFRE, 2004, p.60).

Nesse sentido, a teologia não pode ser considerada ideologia, uma vez que gera uma prática no mundo. Nessa prática se revela o caráter de profecia de que falamos mais acima em nosso texto, pois visa a um mundo novo, a um mundo que é re-criado a partir da reinterpretação e significação nova dada por uma teologia de caráter hermenêutico.

4 SITUAÇÃO ATUAL DE UMA TEOLOGIA HERMENÊUTICA

Diante dessa nova forma de fazer teologia, podemos nos perguntar a respeito da situação atual da teologia hermenêutica. Jeanrond, em seu excelente texto de introdução à teologia hermenêutica, nos mostra três divisões dentro dessa nova forma de fazer teologia (JEAROND, 1995, p.230-232). O primeiro grupo se situa entre aqueles que se colocam a favor de um diálogo a respeito do método hermenêutico com outras ciências sociais e outros pensadores desses campos. Assim, a intenção desse primeiro grupo seria avaliar a visão cristã do mundo dentro do contexto do mundo e universo que vivemos.

O segundo grupo é o daqueles que desejam ver o mundo a partir do seio da Igreja e da teologia bíblica. O diálogo com as outras ciências seria somente no intuito de comparação entre as diferenças religiosas e gramaticais de determinada interpretação. Esse segundo grupo se interessa somente por uma micro-



hermenêutica, em textos específicos usados para confirmação do texto bíblico e doutrinários.

O terceiro grupo é aquele que deseja uma nova leitura ortodoxa das Escrituras sem intervenção de ciências que são “estrangeiras” à teologia. Aqui claramente se vê os seguidores de Karl Barth e seu projeto.

Isso, porém, sem fazer com que a experiência cristã se dilua em toda experiência humana, nem que haja uma cristianização sistemática dessas mesmas experiências. A junção entre tradição cristã e mundo contemporâneo da interpretação deve ser feita de maneira crítica, aceitando a pluralidade de interpretação, bem como de contextos em, conforme nos mostra a metodologia de David Tracy (cf. JEAROND, 1995, p.248-249).

Essa postura crítica exigida dentro de uma perspectiva de teologia hermenêutica encontra suas bases no evento fundador. Jesus era um grande crítico de seu tempo e da tradição religiosa dos fariseus e do povo de Israel.

Para Jeanrond, o agir de Jesus sob o mandamento do amor e o fato de desconfiar de toda tradição religiosa são duas faces da mesma iniciativa de Jesus em sua pregação a respeito do Reino de Deus. Dessa forma, Jeanrond coloca a luta por uma nova tradição religiosa por parte dos primeiros cristãos como grande responsável pela disputa que houve entre judeus e cristãos (cf. JEAROND, 1995, p.252-255).

Essa necessidade de se manter a tradição religiosa que seguiu ao longo da história do Cristianismo se revela, no pensamento de Jeanrond, como “tentativas ideológicas de demonstrar o exclusivismo da nova tradição” (JEAROND, 1995, p.256). Jeanrond nos faz observar que nenhum modelo hermenêutico, por melhor que seja, pode ser considerado de forma inocente.

Mesmo assim, porém, segundo Jeanrond, essa tradição cristã continua a refletir a experiência fundamental do evento fundador. E isso, por meio da prática cristã.

Apesar de sua coloração ideológica e cultural, a tradição cristã continua a refletir a experiência fundamental dos discípulos de Jesus Cristo, de seu ministério, de sua morte e da confirmação divina do crucificado por sua ressurreição. Contudo, essas expressões não



podem ser levadas à sua plena luz através da resposta ativa de pessoas dentro da história. Por resposta, eu entendo certa práxis cristã que procede por analogia com as experiências do Cristo transmitidas ao longo da tradição cristã, e que foi assumida de maneira crítica pela comunidade de intérpretes. Essa resposta comunitária constitui o único critério legítimo de toda pretensão à autenticidade da fé cristã (JEAROND, 1995, p.256).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos mais acima, uma teologia hermenêutica implica uma prática e um engajamento com o mundo. Fazer teologia em nossos dias se torna uma tarefa não somente intelectual, mas também política e social. São nessas esferas que nosso testemunho cristão se fará perceber e nelas que se fará ouvir. Essa prática e engajamento passa também pelo aspecto cultural da sociedade, sendo, portanto, tarefa teológica estar disposta a ouvir as demandas que surgem de seu interior.

Para isso, é necessário que a teologia cristã esteja disposta a uma atitude de humildade frente aos pensamentos que fogem aos modelos epistemológicos ocidentais, reconhecendo na diversidade cultural, seja ela de que maneira for, traços da maravilhosa graça de Deus. Somente uma teologia disposta a ouvir as diversas culturas que emergem na sociedade é capaz de ser chamada de teologia contemporânea que faça sentido a homens e mulheres de nosso tempo, o que implica estar atenta aos movimentos culturais, sociais e econômicos que, como sabemos, não podem ser desvinculados da cultura onde são elaborados.

REFERÊNCIAS

GEFFRÉ, Claude. **Como fazer teologia hoje**: hermenêutica teológica. São Paulo: Paulinas, 1989.

GEFFRÉ, **Crer e interpretar**: A virada hermenêutica da teologia, Petrópolis: Vozes, 2004.

GREISCH, Jean. **L'Age herméneutique de la raison**. Paris: Cerf, 1985.

GRONDIN, Jean. **Hermenêutica**. São Paulo: Parábola, 2012.

JEANROND, Werner G. **Introduction a l'herméneutique théologique**. Paris: Cerf, 1995.

NIETZSCHE, F. **FP 12**: 7[60]. Outono 1885 – outono 1887.



PELLETIER, Anne-Marie. *Bíblia e hermenêutica hoje*. São Paulo: Loyola, 2006.

